

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

Tema: A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea

Sub-tema: 3e: A Psicanálise e a Universidade: a questão do lugar do saber psicanalítico, ensino ou transmissão?

TRANSMISSÃO – CORPOS DE TEXTO EM HILDA HILST

Cidléa Barbosa Novais¹

RESUMO:

Em sua fala / prosa / poética o texto de Hilda Hilst, “A Obscena Senhora D”, oferece-nos a possibilidade de utilizar operadores pertinentes à questão do litoral que se estendem entre a Literatura e a Psicanálise.

O teto se tece – “tapeçaria”, em presença / ausência, contornos que beiram o obsceno e o belo, num movimento cujas engrenagens entrelaçam vida e obra.

PALAVRAS-CHAVE: escrita – letra – obscena – pai

Tal qual a personagem de Hillé de *A Obscena Senhora D*, mergulhamos nos textos de Hilda Hilst, no ocre dos ditos hilstinianos, sem a pretensão de adocicá-los, percorrendo com delicadeza os “vãos da escada” onde o narrador corta e recorta peixes de papel enquanto a letra perdurar:

Convém que sejam dois peixes de papel porque se recorta apenas um ele se desfaz mais depressa, já notei, será possível que até as coisas precisem de seu duplo?²

Esfarinhando na água as coisas-peixes de papel exigem um outro recorte. A linguagem em Hilda Hilst nos atinge precisamente lá, onde a escrita respira e persegue o amanhecer, “ainda que as janelas se fechem”. Este verso, endereçado ao pai, antes mesmo da dedicatória, anuncia no texto, no traço da letra D, uma vida grafada e publicada em prosa e verso,

margeando um corpo que aos sessenta anos (idade da autora quando o texto foi escrito) porta as grafias deste traço:

... o esfarinhado no corpo da alma agora, papéis sobre a mesa, palavras grudadas à página, garras frias meu Deus, nada me entra na alma, palavras grudadas à página, nenhuma se solta para agarrar meu coração, tantos livros e nada no meu peito, tantas verdades e nenhuma em mim, o ouro da verdade onde está? que coisas procurei? que sofrido em mim se fez matéria viva?³

Para Hillé, a derrelição sublinhada na Senhora D é desamparo, é abandono, mas também é pergunta que não cessa, e por isso Ehud, este outro a lhe falar no texto, nomeia a letra como o seu nome próprio – “e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D”. Ehud vai acompanhar Hillé como presença ausência, essa outra voz do texto onde repousa a pergunta por brevíssimos instantes ancorando significantes que não se prestam a ocupar o lugar da fixidez, da monotonia. Hillé quer o vão da escada, a morte, a loucura. Ehud quer o corpo, a carne, a letra. A pena a escrever corta caminhos, mas não ensina passos:

escute, Senhora D, se ao invés destes tratos com o divino, destes luxos do pensamento, tu me fizesses um café, hen? E apalpava, escorria os dedos na minha anca, nas coxas, encostava a boca nos pêlos, no meu mais fundo, dura boca de Ehud, fina úmida e aberta se me tocava, eu lhe dizia olhe espere, queria tanto te falar, não, não faz agora, Ehud, por favor, quero te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nada do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo.⁴

O mesmo vão da escada da menina Hilda das “pervincas açucenas”, coisas não sabidas, mas sons degustados como uma sinfonia sem autor.

¹ Psicanalista. Belo Horizonte / M G

² HISLT, 2001, p. 81

³ HISLT, 2001, p. 51

⁴ HILST, 2001, p. 18

“Fui eu que escrevi, fui eu”, chorou o dia inteiro a menina no vão da escada da casa grande, recusando já naqueles o direito à escrita. A escrita que faz sombra à “Casa do Sol”, habitada por muitos viventes e legentes (como diria Llansol). Foi nesta morada que Hilda escolheu o recolhimento para dedicar-se ao ofício da escrita. Recolhimento, não isolamento. Amigos (de longas datas), livros e cães (muitos) e vozes e vozes e vozes:

... a casa deve ficar mais clara, casa de sol, entendes? na sombra, Hillé se faz mais sábia, pesa, mergulha em direção às conchas, quer abri-las, pensa que há de encontrar as pérolas e talvez encontre, mas não suportará, entendes? te falo ao ouvido, não há coisa alguma dentro delas das conchas? dentro da pérolas, Ehud, nada, ocas, entendes?⁵

Derrelição também é esfacelamento, cisão, loucura. Hillés, Hildas, Hilsts. O pai, o também poeta, Apolônio de Almeida Prado Hilst, separou-se da mulher assim que a filha nasceu. “Que azar”, teria dito ele ao ver menina. Mas o pai retornaria sempre. O primeiro, na impressão infantil, como um homem alto e belo, seguido do outro, o pai narrado pela mãe, Bedecilda Vaz Cardoso. Depois, na juventude, o pai louco pedindo para ver a filha antes de ser internado numa instituição psiquiátrica, um pai louco que endereçou à filha, atemorizada diante daquele estrangeiro, o lugar da mulher – “só quero três noites de amor”.

5 HISLT, 2001, p.69

6 HISLT, 2001, p.70

... farejo infinito, torci-me inteiro, aspirei meus avessos, queria tanto conhecer e agora não só me esqueci do que queria conhecer como também não tenho lembrança do início de todo esquecimento, lembro-me do perfil dos lobos, eu sei que os vi, ou eram homens? ou era eu mesmo duplicado, todo tenso, pêlos e narinas, ah muito amoroso, eu fui um lobo, Hillé? amei alguém que se parecia contigo, minha filha, toca-me, talvez me lembre, tinha um nome longo és e ás e es, mas isso não importa, cola-se aquele rosto em outro rosto, nítidas dissimetrias, esse alguém me conhece nos meus mínimos, esse alguém dois, essa mulher duas, Ehud, faça com que ela se deite aqui comigo, essa tua mulher minha filha.⁶

E mais ainda... o pai morto, aos trinta e seis anos. A mesma idade da filiação de Hilda aos seus textos. De seu romance familiar, ela teceu a aventura de se tornar deslumbrante através de sua obra, para dignificar a obra inacabada do pai – “ele não pôde, ficou doente, louco”. A recusa em ter filhos, onde a loucura pudesse retornar, foi somente pretexto para constituir uma outra filiação advinda de sua escrita: visceral, louca, margeando o abismo como somente os poetas que se escrevem suportam as marcas, os rastros, os restos.

“Eles não sabem o que fazem”, diria o filho ao pai – eles, os poetas da desrazão, da renúncia, da branca dor do existir.

Lembra-te que me prometeste que me guardarias para que eu não enlouquecesse e agora sozinha, vazio o teu espaço, aperta-me como a uma criancinha.⁷

No vazio do pai, a escrita inventa o vão da escada, o oco das palavras, a lucidez obscena que é a experiência da vida. Hillé acompanha a agonia do pai para tornar-se guardiã de sua arca:

⁷ HISLT, 2001, p.68

lúrida cara, arranjo nomes, palavras para guardar na arca
que arca?
não disseram isso? porque guardei palavras numa grande arca e
as levarei comigo, não disseram isso em algum lugar? então
guarda para tua arca: lúrido, undívago, intáctil.⁸

Hilda / Hillé / Antígona – seria essa tão cantada e comentada
blasfêmia hisltiana da mesma tensão do ultrage vivido por Antígona, diante
disso que a morte não faz cessar e onde a vida só é abordável e só pode ser
vivida e refletida sob a forma do que está perdido?

Referências bibliográficas

HISLT, Hilda. **A Obscena Senhoa D.** São Paulo: Globo, 2001.

LACAN, Jacques. **Lituraterra - Che Vouí?** Porto Alegre, 1986.

_____. **O Seminário**, livro 7 “A Ética”. Rio de Janeiro: Zaar, 1989

⁸ HISLT, 2001, p. 80